

Falando Filosoficamente Sobre Deus (Ou O Absoluto): Alguns Conceitos

FILOSOFIA DA RELIGIÃO é o campo da Filosofia dedicado à investigação crítica, reflexiva e sistemática dos conceitos, crenças, linguagens e suposições de verdade dos fenômenos religiosos. Em seus estudos, ela articula elementos da *metafísica*, da *epistemologia* e da *ética* na análise racional das tradições religiosas.

Muitas pessoas consideram a ideia de Deus reconfortante, inspiradora e uma fonte de esperança. Mas a **Filosofia da Religião** não se preocupa com os benefícios psicológicos de acreditar na ideia de Deus, mas sim com a questão de se o conceito *Deus* se refere a algo na realidade. Mas, uma vez que começamos a questionar a existência de Deus, surgem várias outras questões. Deus realmente “existe”? Existem argumentos racionais que demonstram que Deus existe ou, pelo menos, que sua existência é provável? Há evidências que contradizem a existência de Deus? É impossível ou inadequado abordar essa questão de forma objetiva? Devemos recorrer à fé ou a considerações subjetivas para tomar nossas decisões? E quanto à existência do sofrimento no mundo? Não é difícil conciliar esse fato com a crença em um Deus todo-poderoso e amoroso?

A maior parte da nossa discussão em torno dessas questões lida com a concepção monoteísta de Deus encontrada em religiões como o cristianismo, o judaísmo ou o islamismo. O monoteísmo afirma que um único Deus criou o mundo e o sustenta, transcendendo-o. [...]

Primeiro, vale tratar da própria questão da **existência**. Filosoficamente, a depender do autor ou tradição, há uma diferença entre os conceitos de **existência** e **realidade**, como já vimos antes. **Existência** (do latim “*ex-sistere*” = estar fora, aparecer) se refere ao fato de uma coisa ou ente ser ou estar no mundo, isto é, de se manifestar concretamente, objetivamente, materialmente no mundo. A **realidade**, por sua vez, pode se referir tanto ao todo do que existe – como os fatos, seres e estruturas que compõem o Universo –, independentemente de serem percebidos ou não pelo ser humano, como àquilo que não possui existência objetiva (física). Para muitos autores contemporâneos, a distinção entre os dois conceitos torna possível a conciliação entre a fé religiosa e conhecimento científico. Pode-se falar na **realidade de Deus** (que se relaciona com a percepção subjetiva humana), por exemplo, sem violar a noção científica materialista de existência.

O **materialismo** afirma que a única realidade existente é a matéria. O **realismo ontológico** defende que as coisas existem de forma independente de nossa mente ou de nossa linguagem. Quando se combinam as posições do materialismo e do realismo ontológico, formando o chamado **materialismo ontológico radical**, compreende-se que: [1] **a existência é mensurável**, ou seja, apenas entidades físicas, partículas, campos de força e estruturas concretas têm ser/existência real; [2] assim, **a ideia de Deus é uma construção puramente mental, linguística e psicológica** – como Deus não tem extensão física, massa ou manifestação física detectável, não tem realidade/existência ontológica.

A afirmação de que a crença em Deus deve ser sustentada por evidências objetivas é conhecida como **evidencialismo**. Tanto os teístas quanto os ateus podem ser evidencialistas. O *evidencialista teísta* acredita que existem evidências objetivas da existência de Deus. O *evidencialista ateu* acredita que precisamos de evidências para que nossa crença em Deus seja racional, mas argumenta que tais evidências são insuficientes. Geralmente, todos os *agnósticos*, ou seja, pessoas que não acreditam que haja evidências suficientes nem para o teísmo nem para o ateísmo, são evidencialistas.

Os teístas que são evidencialistas concordariam, é claro, que é possível demonstrar a existência de Deus por meio de argumentos racionais e objetivos. Eles acreditam na possibilidade e no sucesso da teologia natural. A **teologia natural** é o projeto de tentar fornecer provas da existência de Deus com base apenas na razão e na experiência. Em outras palavras, o teólogo natural não apela à revelação sobrenatural ou à fé de qualquer tipo para apoiar suas afirmações sobre Deus. O teólogo natural não rejeita necessariamente a revelação ou a fé, mas acredita que é possível demonstrar a existência de Deus, e talvez a verdade de outras afirmações religiosas, unicamente por meio do raciocínio filosófico. As três principais formas de argumentos objetivos para Deus são o **argumento cosmológico**; o **argumento teleológico**, ou do *desígnio*; e o **argumento ontológico**.

O **ateísmo** é a afirmação de que Deus não existe. Normalmente, os ateus são evidencialistas. No entanto, embora todos os ateus neguem que a existência de Deus possa ser comprovada, muitos ateus também diriam que não se pode provar absolutamente que Deus não existe. Eles fazem essa afirmação porque, na maioria dos casos, é impossível provar, além de qualquer dúvida possível, uma afirmação negativa sobre a existência de algo.

A maioria dos adultos racionais acredita que Papai Noel não existe, mesmo que não possam fornecer evidências diretas para essa afirmação. É muito difícil provar a inexistência de algo (como duendes, unicórnios, vida no espaço sideral e assim por diante). O fato de nenhuma pessoa confiável jamais ter visto um duende não exclui a possibilidade de que um possa estar à espreita em algum lugar na floresta. Afinal, antes desconhecíamos a existência de vírus porque não tínhamos os instrumentos para detectá-los. Contudo, a menos que surjam provas concretas e inequívocas da existência de duendes ou do Papai Noel, uma pessoa racional tem justificativas para duvidar de sua existência. A razão para essa dúvida é dupla: (1) o ônus da prova recai sobre aqueles que fazem afirmações sobre a existência de seres extraordinários como o Papai Noel (bem como elfos, extraterrestres, vampiros ou unicórnios) e (2) todos os fenômenos que antes precisávamos da hipótese do Papai Noel para explicar (brinquedos debaixo da árvore de Natal) agora podem ser explicados por outras hipóteses mais naturalistas (pais que comprem presentes). Embora não possamos provar a inexistência de tais seres com a certeza de uma prova matemática, a falta de evidências suficientes para justificar essa dúvida é um ponto importante.

Da mesma forma, o ateu argumenta que a maioria de nós (mesmo o crente religioso) vive sob a suposição de que os eventos que acontecem ao nosso redor são resultado de causas naturais. Aquelas pessoas que afirmam a existência de um ser extraordinário como Deus, um ser que desafia a explicação científica e que transcende o mundo da natureza, têm o ônus de fornecer as evidências para sua tese. Além disso, o ateu diria que, analogamente à hipótese do Papai Noel, as pessoas já recorreram a Deus ou a causas sobrenaturais para explicar coisas para as quais não tinham outra explicação (eclipses solares, doenças, a origem das espécies biológicas e assim por diante). Portanto, muitos ateus acreditam que não precisam provar absolutamente a verdade do ateísmo. Em vez disso, afirmam que é suficiente apenas mostrar que o crente religioso não conseguiu fornecer argumentos válidos que estabeleçam a existência de Deus. A tarefa do ateu, então, é mostrar que todos os argumentos racionais do teólogo naturalista são inválidos ou inconclusivos.

Por outro lado, a maioria dos ateus acredita que há evidências positivas para a tese de que Deus não existe. Embora sejam utilizados diversos argumentos diferentes, o argumento mais comum ao qual os ateus recorrem baseia-se no problema do mal. Eles afirmam que a existência do mal (como o sofrimento de pessoas inocentes devido a desastres naturais) é uma evidência que lança dúvidas sobre a hipótese de Deus.

O **agnosticismo** é a posição de que não existem evidências suficientes para sabermos se Deus existe ou não. Essa posição às vezes é chamada de **ceticismo religioso**. Os agnósticos são evidencialistas, porque concordam que evidências objetivas são necessárias para acreditar na existência de Deus, mas acreditam que tais evidências não estão disponíveis. No entanto, eles também dizem que evidências objetivas são necessárias para afirmar que Deus não existe. Portanto, diferentemente do teísta e do ateu, o agnóstico não acredita que possamos saber algo sobre a existência de Deus. Consequentemente, o agnóstico pensa que devemos suspender o julgamento sobre essa questão.

Algum grau de incerteza ou dúvida sobre a existência de Deus não torna uma pessoa agnóstica. Muitos teístas afirmariam que pessoalmente não possuem conhecimento completo ou certeza indubitável sobre Deus. O agnosticismo (conforme definido aqui) é a afirmação de que é, em princípio, impossível para qualquer pessoa ter conhecimento da existência de Deus. Assim, o agnóstico pode ser visto como alguém que concorda com a tese negativa tanto do teísta quanto do ateu. Em outras palavras, o agnóstico concorda com o ateu que os argumentos do crente são falaciosos ou inconclusivos. De fato, muitas das refutações dos argumentos a favor de Deus foram feitas por agnósticos. No entanto, o agnóstico também concorda com o crente que os argumentos do ateu contra a existência de Deus também são falaciosos ou inconclusivos.

Aqueles que adotam o **não-evidencialismo** sustentam que não é racionalmente necessário ter evidências objetivas e racionais para nossas crenças básicas e nossa postura em relação à vida. O não-evidencialista afirma que existe uma base para a crença religiosa além da razão. Assim, o não-evidencialista afirma que devemos, e de fato formamos, nossos compromissos finais com base em fatores subjetivos e pessoais, e não em argumentos racionais. Embora haja pessoas em ambos os lados da questão de Deus que rejeitam o evidencialismo, essa posição atrai mais os teístas do que os ateus. Existem várias vertentes de **não-evidencialistas teístas**. A primeira categoria consiste em pessoas que sustentam que os argumentos racionais e objetivos a favor de Deus são ineficazes ou desnecessários, ao mesmo tempo que oferecem considerações subjetivas ou pragmáticas para levar um indivíduo na direção da fé. Esses pensadores

acreditam que a evidência objetiva não pode decidir a questão de Deus, mas que existem razões práticas ou subjetivas para crer em Deus. [...]

Uma segunda forma, mais radical, de não-evidencialismo é o **fideísmo**, que afirma que a crença religiosa deve ser baseada unicamente na fé e não pode ser justificada por meio de argumentos objetivos ou subjetivos. O fideísta acredita que existe uma tensão entre fé e razão, de modo que devemos escolher entre as duas. Se sabemos algo com base em evidências objetivas, argumenta o fideísta, então não faz sentido dizer que acreditamos nisso por fé. Por exemplo, se um homem contratasse um detetive para vigiar sua namorada 24 horas por dia para verificar se ela o está traindo, seria óbvio que ele não tem fé nela. Portanto, para o fideísta, a fé é uma espécie de salto ou um compromisso subjetivo que vai muito além do que podemos saber com base em evidências objetivas. Segundo o fideísta, Deus deve ser alcançado pela fé, seguindo o coração, e não buscando evidências no vale estéril e árido da razão objetiva. Se considerações subjetivas e pragmáticas forem vistas como argumentos ou justificativas para a crença religiosa, então o fideísta radical rejeitaria também essas considerações. Søren Kierkegaard, o fundador do existencialismo religioso no século XIX, exemplifica essa posição.

Apenas para que conste, alguns ateus foram não-evidencialistas. O exemplo mais marcante é Friedrich Nietzsche, o fundador do movimento do existencialismo ateu no século XIX, que vimos no 3º bimestre. Nietzsche acreditava que não existem fundamentos racionais e objetivos para a escolha de uma visão de mundo. Todas as crenças de uma pessoa são baseadas em sua postura pessoal em relação à vida. Pessoas tímidas escolherão subjetivamente o conforto da religião, disse ele, enquanto pessoas emocionalmente fortes e autossuficientes escolherão subjetivamente o ateísmo. Ele gostava de expressar seu não-evidencialismo em declarações como: "Gradualmente, ficou claro para mim do que consistiu toda grande filosofia até agora – ou seja, a confissão de seu criador e uma espécie de autobiografia involuntária e inconsciente."